

RESOLUÇÃO DE MOVIMENTO ESTUDANTIL PARA O 69º CONEG DA UNE

Vimos a maior vitória popular da história recente do Brasil, com a eleição de Lula e a derrota de Bolsonaro. Esse capítulo da história tem uma profunda marca do protagonismo da UNE. Fomos nós que mais nos mobilizamos contra Bolsonaro, desde o princípio de sua candidatura com as mulheres estudantes na rua ecoando que “Bolsonaro não!”. Já no início de 2019, realizamos o primeiro encontro do movimento social no governo de Bolsonaro, na 11ª Bienal da UNE, em que já anunciamos que o futuro seria de luta. E foi. Em maio, ocupamos as ruas de todo Brasil com os “Tsunamis da Educação”, fizemos uma intensa luta contra o projeto “Future-se”, e fomos uma das principais forças mobilizadoras que fez 4 ministros da educação caírem do governo por atacar diariamente a educação brasileira.

Diante de uma das maiores crises sanitárias já vista pela nossa geração, a União Nacional dos Estudantes conseguiu se adaptar muito bem a esta nova dinâmica, enquanto entidades estudantis mundo afora fechavam as portas durante a pandemia. A UNE se mantinha forte, atuante e pautando a política nacional. Realizamos o Seminário de entidades gerais, curso de direitos estudantis, a histórica 12ª Bienal da UNE, todas as *lives*, e os abaixo assinados que reduziram mensalidades, ajudaram a adiar o ENEM e a aprovar o FUNDEB, a luta contra os interventores nos IFs e Universidades, e uma grande jornada de lutas realizada no dia 30 de março de 2021 por “VIDA, PÃO, VACINA E EDUCAÇÃO”, as gigantes manifestações de 29 de maio e 19 de junho. Tudo isso culminou em um vitorioso congresso online, que renovou a gestão da UNE, que neste 69º Conselho de Entidades Gerais inicia o seu fim.

Sabemos que esta não foi a realidade de muitas entidades de base. A pandemia dificultou muito as renovações de gestões e a formação de uma nova geração de quadros para dirigir o movimento estudantil. Esta diretoria da UNE foi eleita tendo este grande desafio: reestruturar a rede do movimento estudantil. Por isso, um dos nossos primeiros desafios, foi organizar os estudantes de todo Brasil na defesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e da Residência Pedagógica, que não tiveram os pagamentos de suas bolsas por 4

meses e que após ocuparmos as ruas e Congresso Nacional, obtivemos a primeira vitória desta gestão que desaguou na vitória do reajuste dessas e de outras bolsas da CAPES e CNPq em 2023.

Logo em seguida, organizamos o Primeiro Encontro dos Estudantes da Amazônia em São Luís - MA, algo que entrou para a história da UNE. O encontro foi fundamental para estabelecer um primeiro espaço de interação dos estudantes, numa região onde a vacinação estava mais avançada e possibilitou isto. Além disso, trouxemos para o centro do debate da UNE a defesa dos biomas brasileiros, principalmente a Amazônia, de nossos povos tradicionais e a soberania nacional.

Com o avanço da vacinação em todo país e o recuo da pandemia, o ano de 2022 foi intenso nas mobilizações contra os ataques do governo à educação. A rua é um instrumento importante de formação política da nossa base, portanto a cada avanço na reestruturação da rede do movimento estudantil, víamos aumentar a capacidade de mobilização de rua. O dia 18 de outubro foi maior que as mobilizações de junho, ambas contra os cortes na educação, mas a segunda ainda maior por conta da quantidade de entidades de base reorganizadas, em decorrência dos diversos DCE's e DA's que fizeram seus processos eleitorais e renovaram suas gestões.

Realizamos neste meio tempo, o Cultura em Rede - Circuito de Capacitação em Cultura e Arte, o 2º Encontro de Comunicação da UNE e a campanha "Eu defendo as cotas - pela entrada e permanência nas universidades". Além disso, reunimos estudantes de todo o Brasil no 68º Conselho de Entidades Gerais, que antes da eleição reuniu DCE's, UEE's e Federações Estudantis de todo país para aprovar uma plataforma dos estudantes para o Brasil, documento que foi entregue a transição do governo Lula.

Em 2023, realizamos a 13ª Bienal de Arte e Cultura da UNE, no Rio de Janeiro. Sob o tema "Um rio chamado Brasil", desbravamos a produção estudantil de cada canto deste país. Tomamos a inovação como matéria-prima desta edição, tudo o que foi visto passou por mentes incansáveis, de estudantes sedentos por descobrir como depois de um genocida e uma pandemia, a juventude brasileira estava se comunicando, se expressando e lendo o mundo. Foi assim que nasceu a primeira mostra de fotografia, que criamos a primeira edição do hackeamento

artístico do CUCA da UNE, carinhosamente intitulado “expedição”. Surgiu assim a “Batalha da Nação”, uma colaboração do CUCA com a Nação HipHop BR, demos vida ao Espaço Laje e pela primeira vez, os protagonistas do nosso palco foram os Bois de Parintins, Garantido e Caprichoso, representando a cultura popular, nossa grande e diversa homenagem do Festival. Tudo amarrado de sentido, para fazer valer nossa máxima dentro das Bienais: devolver cidadãs e cidadãos apaixonados pelo Brasil e prontos para travar as batalhas necessárias ao voltar para casa.

Construímos junto às entidades um marco de lutas, que resultou na suspensão da implementação do Novo Ensino Médio e na ampliação do debate contra os 40% de EAD nos cursos presenciais. Ambas políticas que precarizam a educação brasileira e a coloca à serviço dos grandes tubarões do ensino. Além disso, pautamos de forma eloquente a necessidade de revisão do FIES, com a campanha “FIES sem Teto”, que é fundamental para a ampliação do acesso à universidade, para que continue sendo uma grande ferramenta de transformação social, como tem sido nos últimos anos. Para isso, a política do financiamento precisa urgentemente ser revista.

Em Abril, realizamos o 10º Encontro de Mulheres Estudantes da UNE, em Juíz de Fora, marcando seus quase 20 anos de construção para formulação e intervenção feminista na entidade. Centenas de mulheres de Universidades de todo Brasil, ecoando um único grito: a construção de um Brasil novo passa necessariamente pelas mãos das mulheres e suas vidas precisam estar no centro dos debates políticos das entidades estudantis!

A UNE é a maior entidade estudantil da América Latina e uma das maiores do mundo. Sua força está na sua unidade e diversidade, onde diferentes movimentos participam e constroem, e também na sua rede, que vai desde os Centros Acadêmicos até as Uniões Estaduais de Estudantes. São milhares de entidades espalhadas por todo canto do Brasil que seguem atendendo o chamado da UNE sempre que precisamos defender os interesses dos estudantes brasileiros.

Uma UNE do tamanho dos desafios do Brasil é uma UNE que fortaleça e estruture sua rede. O processo ainda está em curso e teremos muito o que fazer até restabelecer e reestruturar todas entidades de base pelo Brasil afora. Compreender a nova dinâmica de organização pós pandemia onde o digital está mais presente,

mas a sala de aula não deixa de ser protagonista, será fundamental para encararmos e construirmos as mobilizações para reconstrução do Brasil.

Sabemos o que representa a UNE para a sociedade, por isso respeitamos sua história, sua institucionalidade e sua diversidade de composição. Não aceitamos nenhuma construção que vise transformar a UNE em um comitê dos interesses particulares de somente uma força política. No próximo período iremos construir uma entidade com estas ideias, para que consigamos manter a legitimidade da UNE perante aos estudantes, para que estes continuem atendendo as convocações das mobilizações.

Além disso, Acreditamos que a UNE precisa continuar a ser protagonista nos debates junto aos movimentos sociais, centrais sindicais e pelas Frentes Brasil Popular, Povo sem Medo e Fora Bolsonaro, cumprindo um papel central na luta política nacional. Por isso defendemos que a UNE mantenha sua agenda de construção das Frentes Nacionais e os diálogos e ação com as demais entidades do movimento educacional. A UNE deve manter sua independência e autonomia de posição, sempre apresentando com altivez sua linha política, sem ser tutelada por nenhum outro movimento ou entidade, mas buscando sempre a construção da unidade de ação na luta.

A UNE, também, deve continuar tendo no centro a agenda ambiental, defendendo os interesses nacionais e a sustentabilidade. Se é claro que os defensores da devastação agro-extrativista e mineradora são nossos inimigos, precisa ser claro que as ONGs internacionais, que não apresentam nenhuma alternativa de desenvolvimento regional, também não nos servem. Resolver a crise ambiental passa por apresentar uma outra alternativa de desenvolvimento, que possibilite não só a sobrevivência das populações que vivem nos locais, mas seu pleno desenvolvimento, sendo vistas então enquanto potência e não carência. Somente defender a preservação deixará essas pessoas à mercê deste projeto de devastação, pois hoje é somente ele que apresenta uma possibilidade precária de renda. Além disso, no debate global devemos defender que os países ricos paguem pela crise climática, que causa efeitos no mundo inteiro, mas os causadores são poucos.

Universidade é sinônimo de democracia e diversidade. Por isso, é preciso explorar todo o seu potencial, sempre zelando pela garantia da qualidade no tripé universitário ensino, pesquisa e extensão; perpassando o desenvolvimento social e político dos estudantes que a ocupam. Para tanto, cabe a UNE a unidade de todo o movimento estudantil, nas suas mais diversas expressões do saber.